

# **O ENSINO DE SOCIOLOGIA E O DIÁLOGO COM O SENSO COMUM: VIVÊNCIAS EM ESPAÇOS DE EDUCAÇÃO POPULAR**

Célia Oliveira dos Santos Neta<sup>1</sup>

## **RESUMO**

A partir da análise de práticas educativas em espaços de educação popular, na Associação dos Trapeiros de Emaús e no Curso Realidade Brasileira de Pernambuco, emerge a seguinte questão: de que maneira o ensino de sociologia dialoga com o senso comum, em espaços de educação popular? Pretende-se compreender quais são as especificidades dessas experiências de ensino de sociologia, que estão fora dos muros dos espaços formais de ensino e como dialogam com o senso comum, isto é, com os conhecimentos da vida cotidiana dos (das) educandos (as). Através da observação participante e de entrevistas semiestruturadas feitas com as pessoas que constroem coletivamente essas práticas educativas, foi possível compreender que os espaços de educação popular, conseguem aproximar o conhecimento científico, isto é, o ensino de sociologia, do senso comum, tornando-o mais acessível, ao dialogar com a vida cotidiana dos (das) estudantes.

**Palavras-chave:** Ensino de Sociologia; Senso Comum; Educação Popular.

## **Introdução**

O tema do presente trabalho é o ensino de sociologia e o diálogo com o senso comum, em espaços de educação popular. O interesse em estudar ensino de sociologia no ensino médio, senso comum e a educação popular se iniciou a partir de vivências em espaços de educação popular. A experiência como bolsista de um projeto de extensão do departamento de Ciências Sociais da UFRPE intitulado “Sociologia como ferramenta de leitura crítica da realidade” foi a principal motivadora do interesse pelo tema.

Como bolsista nessa prática extensionista, ministrei aulas de introdução à Sociologia para uma turma de jovens e adultos de cursos profissionalizantes da Associação dos Trapeiros de Emaús, uma ONG localizada na comunidade de Linha do Tiro em Recife-PE. A Associação dos Trapeiros de Emaús foi com quem dialoguei no trabalho de conclusão de curso da graduação, que teve como objetivo analisar de que forma o ensino de sociologia dialoga com o senso comum, em um espaço de educação popular.

---

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, bacharela em Ciências Sociais pela UFRPE e mestranda em Sociologia na UFPE, parda, mulher, Recife-PE.

A partir da vivência como bolsista, de uma observação participante na oficina e de entrevistas semiestruturadas feitas com educandos (as); bolsistas do projeto de extensão; e com trabalhadores da associação, o resultado foi a constatação de que, no empírico, é difícil diferenciar Sociologia e senso comum, o que indica que, no momento do ensino, em uma realidade da educação não-formal e que preza pelos princípios da educação popular, a Sociologia está muito relacionada à realidade e ao cotidiano das pessoas.

Em uma das entrevistas realizadas com estudantes da ONG, foi realizada a seguinte pergunta: Na sua visão, o que é o ensino de sociologia? E um dos estudantes da instituição respondeu: “Para mim o ensino de sociologia é um assunto da vida da gente”. A partir dessa fala do estudante, refleti sobre como o diálogo da disciplina de sociologia com senso comum, em um espaço de educação popular, consegue aproximar o conhecimento científico, isto é, o ensino de sociologia, da vida cotidiana das pessoas, tornando-o mais acessível, pois a educação popular, proporciona um diálogo entre diferentes visões de mundo. Nessa prática educativa, buscou-se valorizar o diálogo com o senso comum, ou seja, o que os educandos e educandas já conheciam sobre os temas abordados e suas experiências de vida.

De acordo com Boaventura de Souza Santos (1995) O senso comum, apesar de ser conservador e legitimar preconceitos, pode ter a sua dimensão libertadora ampliada, através do diálogo com o conhecimento científico. “Deixado a si mesmo, o senso comum é conservador e pode legitimar prepotências, mas interpenetrado do conhecimento científico pode estar na origem de uma nova racionalidade. Uma racionalidade feita de racionalidades” (SANTOS, 1995. p. 56).

Com base em Santos (1995) entende-se que, em práticas de educação, a partir da reflexão crítica e questionamentos acerca das vivências e dos discursos que os sujeitos reproduzem, seria possível construir uma nova forma de ver o mundo ao questionar suas práticas e seus discursos. A criação de um novo senso comum, por meio da problematização de ideologias dominantes, como por exemplo o machismo (o patriarcado) e o racismo. O senso comum é o conhecimento que antecede o conhecimento científico, é o que cada sociedade, com suas especificidades, conhece como realidade em sua vida cotidiana.

É o conhecimento que orienta a nossa conduta no nosso dia-dia. O senso comum é a compreensão desse cotidiano, que constitui a matéria prima da ciência empírica.

(BERGER; LUCKMANN, 2003). Um exemplo de conhecimento do senso comum é o uso das plantas medicinais pelas populações indígenas, esse conhecimento não foi aprendido nos livros, foi aprendido no viver o cotidiano dessas populações.

Antonio Gramsci (1982) coloca que cada camada social possui o seu senso comum e o seu bom senso, que de acordo com o autor são as concepções de mundo mais difundidas e aceitas pela sociedade. O senso comum para o autor ocupa um lugar intermediário entre o folclore, que são as concepções de mundo de cada cultura e a filosofia e a ciência, por isso para ele o senso comum é o “folclore da filosofia”. Essas transições entre folclore e ciência ocorrem, pois, o senso comum não é rígido e imóvel, ele vai se modificando, sendo enriquecido pelo conhecimento científico e pela filosofia para se tornar bom senso, isto é, o pensamento crítico da realidade. (GRAMSCI, 1982).

O senso comum, por ser tão repetido, vai se estabelecendo como verdade em uma determinada sociedade, por exemplo, se a mídia ou o Estado repete muito uma ideia, ela vai se estabelecendo como verdade. Por isso, o senso comum também pode ser conservador e legitimar preconceitos como o machismo, a homofobia, o racismo. Como a sociedade está em constante movimento, o senso comum também é reinventado e pode ir sendo modificado no decorrer da história.

Amurabi de Oliveira (2011) realiza uma reflexão sociológica sobre o cenário de produção acadêmica em que se encontra o ensino da Sociologia, contribuindo para o debate sobre Ciências Sociais e Educação. Para o autor podemos compreender a Sociologia como uma ferramenta que nos permite ver o que sempre vimos e explicar o que já possui explicação no senso comum.

O ensino de Sociologia no sentido forte do termo, deve compreender numa configuração que vá para além de uma proposta bancária de educação. A articulação entre teoria, categorias sociológicas e realidade social deve apresentar-se de forma clara, de modo a tornar significativo o que se diz, pra quem se fala. (OLIVEIRA, 2011. p.9).

Em busca de mais cenários populares de ensino de sociologia, a dissertação do mestrado visou compreender se o ensino de sociologia pode estar sendo utilizado como aporte teórico em um espaço de educação popular, o Curso Realidade Brasileira de Pernambuco (CRB). A dissertação teve como objetivo analisar em que medida o currículo do CRB se aproxima do currículo do ensino de sociologia no ensino médio, através de uma breve observação participante realizada no curso, interrompida por causa da

pandemia<sup>2</sup> da Covid-19 e de entrevistas semiestruturadas realizadas à distância com educandos (as) do CRB, educadores (as) do CRB, Comissão Político Pedagógica do CRB.

A partir dos relatos trazidos pelas educandas do CRB, notou-se que a aproximação com a vida cotidiana foi o princípio mais citado por elas<sup>3</sup>. Nas perguntas realizadas não havia diretamente as palavras “cotidiano” “dia a dia”, mas foram bastante trazidas pelos sujeitos da pesquisa no decorrer das entrevistas. Por isso, surgiu o interesse em analisar como a disciplina de Sociologia, em espaços de educação popular realiza esse diálogo com o senso comum e como esse diálogo pode contribuir para o enfrentamento de diversas opressões que existem no mundo.

O diálogo do ensino de sociologia com o senso comum é importante para incentivar a reflexão crítica da realidade, o que seria um primeiro passo para o enfrentamento de diversas opressões que existem no mundo. Porém, por se tratar de espaços formais de ensino, a metodologia das aulas de sociologia nas escolas acaba esbarrando nas estruturas hierárquicas e verticais de educação. Há espaços de educação popular, que no seu fazer educativo, dialógico e acessível, além de fomentar um olhar crítico diante da realidade, conseguem aproximar a ação educativa dessa realidade vivida no cotidiano das pessoas, com o objetivo de transformação social. Conforme Moacir Gadotti (2012) a educação popular tem como principal fundamento a conscientização.

O educador pernambucano Paulo Freire (2016) defendeu a conscientização como uma ferramenta para superarmos as barreiras postas pelos condicionantes histórico e social. Para o autor, a conscientização é a maneira de colocar em prática a curiosidade epistemológica, pois através do exercício da criticidade, ocorre a superação da curiosidade ingênua pela “curiosidade epistemológica”. Freire (2016) chama essa superação de momentos do ciclo gnosiológico, que acontece ao passo que a curiosidade em aprender mais aumenta, com base no entendimento de que somos inconclusos e inacabados.

---

<sup>2</sup> A pandemia da COVID-19, só no Brasil causou mais de 400 mil mortes e milhões de infectados. O Coronavírus nos trouxe duras lições. Agravou ainda mais a situação daqueles (as) que já viviam em isolamento, às margens da sociedade, como por exemplo as populações das periferias que tiveram a sua situação piorada durante a pandemia. (SANTOS, 2020).

<sup>3</sup> O público do Curso Realidade Brasileira é bem diverso, com pessoas de distintas formações, distintos movimentos e sindicatos e pessoas que não fazem parte de nenhum movimento. A turma de Recife, do ano de 2019, possui pessoas de diferentes idades, organizações, porém há uma predominância de participantes mulheres.

Como um educador terceiro-mundista, subalternizado pela modernidade-colonialidade<sup>4</sup>, Freire não apenas teorizou sobre a educação popular, vivenciou-a ao lado daqueles (as) mais atingidos pelas diversas opressões que existem no mundo. Como um intelectual *sentipensante*, que combina mente e coração e educador da periferia mundial, seu lugar de enunciação, Freire foi bastante solidário, se colocou à disposição das classes populares, dos oprimidos. O educador em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), utiliza bastante a questão de classe social, porém, ampliou o mapa da opressão ao trazer as discussões de raça e gênero (MOTA NETO, 2015).

No próximo tópico, serão trazidas as experiências dos espaços de educação popular com o ensino de sociologia. A metodologia utilizada nos trabalhos de campo, foi a qualitativa, não se pretende generalizar, mas conhecer melhor os casos específicos. A pesquisa qualitativa leva ao encontro de subjetividades, entender essas subjetividades pede metodologias que possibilitem o reconhecimento da diversidade de discursos dos sujeitos da pesquisa. Foram realizados estudos de caso, o estudo de caso é uma alternativa metodológica para pesquisas na área de educação e sobre movimentos sociais. Através do estudo de caso, se adquire um maior entendimento sobre as particularidades que constituem a realidade. É um estudo mais detalhado e mais intenso das experiências sociais. (LAGE, 2009).

### **Cenários populares de ensino de Sociologia**

A Associação dos Trapeiros de Emaús é uma ONG, localizada na comunidade de Linha do Tiro, no bairro de Beberibe, em Recife. Possui uma escola de formação técnica, a Escola de Formação Profissional Luís Tenderini, que oferece cursos profissionalizantes gratuitos, como eletrônica, manutenção de computadores e outros para jovens e adultos do local. Como a escola segue um modelo pedagógico progressista, há uma preocupação com uma educação voltada para transformação da realidade, através da reflexão crítica. Aliada a formação técnica oferecida por meio de curso profissionalizantes está a formação política, ofertada desde 1998.

Afirma um dos trabalhadores da escola, que a aprendizagem política era realizada pelos próprios instrutores técnicos. Havia uma preocupação dos instrutores em estimular o questionamento e as perguntas em sala de aula, tanto nas aulas dos cursos

---

<sup>4</sup> Para Mignolo (2017) colonialidade e modernidade são dois lados de uma mesma moeda, não existe modernidade sem colonialidade, estão fundamentadas no eurocentrismo.

profissionalizantes, como na oficina de formação política. No período de 2009 até 2013 as aulas de formação política passaram a ser ministradas pelo coordenador pedagógico da escola e não mais pelos instrutores de cada curso profissionalizante.

A partir do ano de 2014, o projeto de extensão *Sociologia como ferramenta de leitura crítica da realidade social* inicia suas atividades na oficina de formação política, com a participação de alunos (as) do curso de Bacharelado em Ciências Sociais da UFRPE. Os (As) alunos (as) passam por uma seleção, concorrendo a uma vaga para ministrar aulas na oficina. O currículo da oficina é transdisciplinar, isto é, traz conteúdos que se aproximam do cotidiano das pessoas, como: mundo do trabalho; questão racial; formação histórica do capitalismo; questão de gênero; sexualidade; funcionamento do estado brasileiro; movimentos sociais; aulas externas sobre conhecer o nosso entorno, onde os participantes da oficina conhecem os trabalhos realizados pelos coletivos da comunidade.

Como se trata de educação não-formal, ou seja, que não é regulamentada pelo MEC, o currículo é moldado de acordo com os interesses específicos daquele grupo, existia uma flexibilidade dos conteúdos de aprendizagem, que podiam ser mudados no decorrer da oficina. Como os alunos reagem aos temas propostos? Verificou-se que, se tratando dos temas gênero e sexualidade, existia uma resistência por parte dos alunos as contribuições da Sociologia, já as problematizações feitas sobre os temas mundo do trabalho, capitalismo e racismo eram mais aceitas pelos estudantes. A turma era composta, em sua maioria, por homens de 16 a 50 anos de idade, que traziam algumas falas machistas e homofóbicas, isto é, um reflexo da sociedade em que vivemos. Como afirma o bolsista Miguel, que ministrou aulas na oficina:

Eu comecei a pensar que é necessário, é fundamental que o processo de educação seja emancipatório, seja democrático, seja produtor de falas, enfim a educação a partir de Emaús pra mim foi um processo de intermediação, de diálogo, mas não de imposição. Isso é uma questão muito cara, de que modo você pode criar uma educação não-formal que respeite o aluno ou aluna em sua subjetividade e que ao mesmo tempo você não consiga esmagá-lo, dizendo que ele é simplesmente um conservador. É um dilema que me mexe como educador. O limite entre levar o conhecimento e não invadir o ser, transformando-o em um mero receptor. (Miguel. Bolsista do ano de 2014. Entrevista realizada no dia 18 de agosto de 2016).

Diante de algumas falas conservadoras dos educandos, o desafio dos bolsistas era tentar incentivar uma reflexão crítica, com a abordagem de temas como gênero, racismo e outros, sem impor os conhecimentos trazidos pela disciplina de sociologia, através de

dinâmicas de grupo, exibição de documentários, trazendo exemplos de outras culturas para entender que há várias formas de ser e viver.

Com o objetivo de incentivar a criação de um novo olhar e uma nova ação no mundo. Essa experiência foi desafiadora, porém muito enriquecedora, pois possibilitou que os conteúdos da disciplina de sociologia dialogassem com as experiências de vida dos participantes da oficina, nesse espaço de educação popular os participantes se sentiam à vontade e podiam trazer os seus olhares sobre a realidade.

Ao realizar uma atividade que ministrei, em que pedia para que os participantes escrevessem “como seria a sociedade dos seus sonhos?” Foi bastante interessante ver o que desejaram para a sociedade, a maioria colocou que os governantes precisam ter mais responsabilidade com o povo. Alguns colocaram suas vontades pessoais, como por exemplo ter uma casa própria. Uma das respostas de um dos participantes foi:

A sociedade dos meus sonhos é uma sociedade mais justa, onde todos tenham oportunidade, onde não tenha racismo, desigualdade social e tenha mais segurança, menos violência, saúde e ensino de qualidade, que tenha emprego e menos miséria!

O outro cenário popular de ensino de Sociologia é o Curso Realidade Brasileira de Pernambuco (CRB), organizado por movimentos sociais do campo popular<sup>5</sup>. O primeiro CRB foi realizado em 2002 em parceria com a Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais e teve como objetivo pensar de forma mais profunda a realidade para compreender as particularidades do capitalismo brasileiro. Nota-se que a perspectiva marxista é bastante utilizada no curso, que possui autores da disciplina de sociologia como por exemplo Florestan Fernandes, como principais aportes teóricos.

Em Pernambuco, o curso é realizado há oito anos. No ano de 2017 aconteceram simultaneamente cinco turmas em cinco regiões do Estado: Petrolina, Afogados da Ingazeira, Caruaru, Vitória de Santo Antão e Recife. Sou educanda da turma de Recife, que foi iniciada em 2019, interrompida devido à pandemia da COVID-19. Contudo, antes da pandemia, foi possível realizar uma breve observação participante em três etapas

---

<sup>5</sup> Termo utilizado por alguns intelectuais e por sujeitos dos movimentos sociais para definir um campo político da esquerda brasileira, composto pelos que integram a Frente Brasil Popular, pois há uma diversidade de pensamentos dentro da esquerda brasileira, assim como existe a Frente Brasil Popular, há também por exemplo a Frente Brasil Sem Medo. Os movimentos que organizam o CRB são integrantes da Frente Brasil Popular, composta pela Consulta Popular; a Marcha Mundial das Mulheres; o Levante Popular da Juventude; o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra-MST; e outros. Esse campo político defende um projeto popular para o Brasil. Para conhecer melhor ver a página: <http://frentebrasilpopular.org.br/>.

presenciais do curso, bem como durante a quarentena foram realizadas entrevistas semiestruturadas, à distância, com oito educandas do curso; quatro educadores; e duas integrantes da Comissão Político Pedagógica do curso.

Através de uma análise de conteúdo, utilizando o QDA Miner Lite, um programa gratuito de análise de dados qualitativos, foi possível elaborar chaves analíticas, isto é, os principais conceitos que nortearam a pesquisa: educação formal, representando o ensino de sociologia no ensino médio e educação não-formal, representando o CRB, bem como, nesse programa também foram criadas categorias para cada unidade de análise, ou seja, para os grupos que formam os sujeitos da pesquisa. As categorias foram elaboradas, com base nas falas trazidas por esses sujeitos e a partir de referenciais da educação não-formal e da educação popular. As categorias criadas para as educandas do curso, por exemplo, foram: Aprendizagem Política<sup>6</sup>; Sentimento de Coletividade; Aprendizagem de conteúdos escolares em um espaço diferente<sup>7</sup>; Aproximação com a vida cotidiana; e Processo de ensino-aprendizagem mais agradável<sup>8</sup>.

O que indicou a presença dessas categorias nas falas das educandas? A “aprendizagem política” por exemplo, aparecia quando as educandas falavam sobre a vontade de intervir na realidade, sobre a importância dos objetivos políticos do curso e sobre a importância de pensar o Brasil para transformá-lo. Quando esses indicadores apareciam nas falas das educandas, os trechos dessas falas eram marcados como pertencentes à categoria “aprendizagem política”. Assim foi feito também com as outras categorias e indicadores. O programa é fácil de trabalhar, criar as categorias e saber diferenciá-las é o principal desafio. Vale ressaltar que as categorias não são excludentes, isto é, duas ou mais categorias podem estar presente em um mesmo trecho das falas das pessoas entrevistadas.

No QDA Miner Lite, também foi possível ver a frequência com que essas categorias apareceram, nas falas das educandas do curso, a “aprendizagem política” e o “processo de ensino-aprendizagem mais agradável” foram as que apareceram com mais frequência, mas o que essas frequências das categorias fundamentadas nas falas das educandas dizem sobre o Curso Realidade Brasileira de Pernambuco? Que a aprendizagem política, isto é,

---

<sup>6</sup> Com base em Gohn (2001), apontada como um dos princípios da educação não-formal.

<sup>7</sup> Com base em Gohn (2001), apontada como um dos princípios da educação não-formal.

<sup>8</sup>De acordo com Simson; Park; Fernandes (2001) as dinâmicas de grupo tornam o processo de ensino-aprendizagem mais agradável.



a socialização do pensamento crítico para a ação no mundo, através de um processo de ensino-aprendizagem mais agradável, torna o conhecimento científico mais acessível, aumentando o interesse e a curiosidade dos cursistas pela prática educativa.

Assim sendo, através da análise de conteúdo, notou que há uma preocupação dos educadores (as) do curso com a aprendizagem política e de proporcionar um espaço de aprendizagem coletiva, mais leve, com dinâmicas de grupo e com exposição dialogada do conteúdo. Pois não se trata de um curso acadêmico, mas um curso que é voltado para militantes dos movimentos sociais, por isso, os conteúdos precisam ser compreendidos para serem colocados em prática.

A relação entre reflexão e ação está presente no curso, com base na breve observação participante realizada, foi possível perceber que a expressão “ler para transformar” é bastante falada no decorrer das aulas. O sentido atribuído ao “ler para transformar” no CRB, se assemelha ao sentido da educação transformadora defendida por Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* (1987), pois para o autor a reflexão parte da ação e a ela retorna, numa relação dialética, isto é, a práxis. O “ler” seria o reconhecimento das condições de opressão e o “transformar” seria a superação das barreiras postas pelas condições materiais, políticas, sociais e econômicas.

Verificou-se que, a construção coletiva do curso, através de divisões de tarefas que são distribuídas para os cursistas no decorrer das etapas, por meio dos núcleos de base, quer incentivar nos cursistas a vontade de intervir na realidade, pois no CRB você não só estuda, você varre o local que estuda, você cumpre as tarefas, ou seja, você age sobre a realidade. No decorrer das entrevistas, foram trazidas críticas ao sistema formal de ensino, principalmente às Universidades, pois no perfil das pessoas entrevistadas prevalece estudantes universitárias, que trouxeram a visão que possuem das aulas nesse espaço formal de ensino. As críticas giram em torno de que nas universidades não há uma preocupação com a aprendizagem política, de que não há diálogo com a vida cotidiana, sobre as dificuldades de entendimento dos assuntos e sobre a hierarquia entre educadores (as) e educandos (as).

Como o objetivo da dissertação foi analisar em que medida o currículo do CRB se aproxima do currículo da disciplina de sociologia no ensino médio, foi importante realizar entrevistas com recém-formados do ensino médio, que concluíram entre os anos de 2017-2019, de escolas públicas de um bairro da periferia de Recife-PE, para conhecer a

realidade escolar e encontrar possíveis pontos de aproximação. Bem como, as educandas do CRB trouxeram as suas experiências com o ensino de sociologia nas Universidades, das oito educandas do CRB entrevistadas, somente três afirmaram ter tido aula de sociologia na escola e disseram que as aulas não dialogavam com a sua realidade.

Diante dessas diferenças trazidas entre as aulas do CRB e as aulas das universidades, a expectativa era de que as falas dos recém-formados fossem semelhantes às falas das educandas do CRB, entretanto, a realidade escolar da disciplina de sociologia se revelou diferente da realidade acadêmica trazida pelas educandas, porque foram encontradas nos relatos dos recém-formados, categorias de análise que se aproximam do fazer educativo do CRB, como: participação nas aulas; aproximação com vida cotidiana; reflexão crítica; práticas de não-formalidade; e conhecimento acessível. Diante disso, notou-se que a disciplina de sociologia na escola pode ser menos formal que as outras disciplinas, pois verificou-se a valorização da visão de mundo dos estudantes, ademais os recém-formados afirmam que os temas das aulas, sobre a questão de gênero, racismo, desigualdade, política e outros geravam vários debates dentro e fora da sala de aula, pois no momento do intervalo continuavam conversando sobre o tema.

Assim como no Curso Realidade Brasileira de Pernambuco, o foco da disciplina de sociologia no ensino médio, não é o estudo de teorias complexas, ela se aproxima da realidade dos (das) educandos (as) tendo como foco temas como: racismo, desigualdade social, gênero, política, que conversam com os conhecimentos do senso comum e podem contribuir para o enfrentamento desses diversos tipos de opressões que existem no mundo.

O diálogo com a vida cotidiana pode ser observado nessa fala da educanda Daniele do Curso Realidade Brasileira de Pernambuco, ao responder sobre se as aulas do curso dialogavam com a realidade dela:

Comecei a perceber o lugar que eu estava na sociedade capitalista, entender por exemplo que meu pai sempre foi explorado pelos patrões e como isso impactou na minha vida, porque minha mãe estava desempregada, porque minha mãe que tinha que cuidar da casa. Essas questões mais da prática do dia a dia, foi no CRB que me abriu a mente, depois da primeira etapa eu cheguei em casa e comecei a explicar a minha o que era mais-valia, fui dizer que a gente era explorado, que a gente era classe trabalhadora, que a gente tinha que se organizar porque sem a luta a vida não muda. Eu vi total sentido pra o mundo mesmo, olhar pro mundo e enxergar o que a gente estudava na aula. (Daniele, educanda do CRB, turma de 2013, entrevista realizada em 16 de agosto de 2020).

A recém-formada do ensino médio Priscila, ao responder à pergunta sobre a importância da disciplina de sociologia no ensino médio:

Eu acho importantíssimo aula de sociologia na escola, porque ajuda a pensar. Pensar! Eu acho que o ser humano tem que saber que tá na sociedade, tem que saber o que vai enfrentar, tem que saber o que está sendo falado, ter um senso crítico. Então sociologia ajuda muito nisso, quando eu estudo um assunto, eu vou saber me defender de certas coisas, eu vou saber meus direitos. (Priscila, moradora do bairro do Ibura, concluiu o ensino médio em 2017 na Escola Professor Jordão Emerenciano, entrevista realizada em 24 de novembro de 2020, grifo nosso).

Entretanto, trata-se da experiência que as educandas desse curso específico tiveram e da vivência que esses (as) recém-formados tiveram em suas escolas, bem como foram somente 7 recém-formados entrevistados (as) e não houve uma observação participante nas aulas de sociologia nas escolas, porém, esses relatos proporcionam a reflexão sobre a importância do diálogo com o senso comum.

### **Considerações finais**

O debate sobre o diálogo com a vida cotidiana já foi trabalhado pelo educador pernambucano Paulo Freire. Freire (1983) ao criticar o termo “extensão”, que se refere à prática extensionista, analisa que a palavra extensão passa uma ideia de superioridade do extensionista, que estende seus conhecimentos e suas técnicas para aqueles que “nada sabem”. A palavra extensão possui relação com as palavras transmissão, entrega, sujeito ativo, invasão cultural<sup>2</sup> e outros. Em que os conhecimentos, construídos através das práticas cotidianas, não são valorizados. (FREIRE, 1983).

Para Freire (1983) na situação educativa, tanto os educadores como os educandos e educandas são sujeitos cognoscentes, que buscam conhecer. O ser humano para o autor é um “ser da práxis”<sup>9</sup>, que atua e transforma a sua realidade, por isso não seria possível a dicotomia “homem-mundo”, porque um não existe sem o outro. Freire (1987), afirma que a síntese cultural, um dos princípios de uma teoria dialógica da ação, valoriza a visão de mundo do povo, na síntese cultural não há invasores, há sujeitos, mediatizados pelo mundo, que problematizam a sua realidade.

O ensino de sociologia, a partir do diálogo com o senso comum, em espaços de educação popular seria uma ferramenta para a superação dessas barreiras postas pelas condições materiais, históricas e sociais? A disciplina de sociologia, através do diálogo com o senso comum, não se torna impositiva, autoritária e inalcançável, ela se torna

---

<sup>9</sup> A práxis é o processo dialético entre teoria e prática, na concepção dialética marxista, não há separação entre conhecimento (a teoria) e ação (a prática). (GADOTTI, 2001). “A prática é o critério de verdade da teoria, pois o conhecimento parte da prática e a ela volta dialeticamente”. (Gadotti, 2001. p. 23).

comum na boca do povo, um fazer educativo descolonizado, com base na prática da escuta, amorosidade, sem muito rigor e de forma horizontal, prezando pela constante participação dos educandos e educandas na prática educativa, ou seja, o diálogo com o senso comum contribui para que o ensino de sociologia se torne uma ferramenta de conscientização crítica para o enfrentamento de diversas opressões que existem no mundo.

Dizer que o ensino de sociologia está presente em uma prática de educação popular, para alguns seria “inferiorizar” a sociologia, deslocá-la de seu lugar na ciência, como se a ciência só estivesse presente em espaços formais de ensino. A intenção do presente trabalho é dizer que a disciplina de sociologia pode estar sendo utilizada para provocar questionamentos sobre a realidade e que através da metodologia da educação popular, não se torna inalcançável e complexa, ela se torna comum na boca do povo.

### **Referências Bibliográficas**

BERGER, Peter L; LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento**. 30 ed, Petrópoles, Editora Vozes, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 53. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** 7ºed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, Moacir. A dialética: concepção e método. In: **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 12.ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 15-40.

GADOTTI, Moacir. **Educação popular, educação social, educação comunitária: conceitos e práticas diversas, cimentadas por uma causa comum**. Revista Diálogos. IV Congresso Internacional de Pedagogia Social: Domínio Epistemológico, vol. 18, n. 2; 2012. p. 10-32.

GOHN, Maria da Glória. Educação Não-Formal. In: **Educação não-formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 91-111.

GRAMSCI, Antonio. **Os intelectuais orgânicos e a organização da cultura**. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982.

LAGE, Allene. **Orientações epistemológicas para a pesquisa qualitativa em educação e movimentos sociais**. IV Colóquio internacional de políticas e práticas curriculares. João Pessoa, 2009. p. 1-21.

MIGNOLO, Walter. **Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade**. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017, p. 1-18.

MOTA NETO, J. C. **Educação Popular e Pensamento Decolonial Latino-Americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda.** (Educação)- Universidade Federal do Pará, Belém. 2015. p. 146-229.

OLIVEIRA, Amurabi Pereira de. **Sentidos e Dilemas do Ensino de Sociologia: Um olhar Sociológico.** Interlegere (UFRN), Natal, v. 9, n. 9, 2011. p. 25-39.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências.** 7. ed. R. Costa Cabral, 859, Porto: Edição Afrontamento, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A Cruel Pedagogia do Vírus.** Coimbra: Almedina, 2020.

SCHMIDT, Maria Luisa Sandoval. **Pesquisa participante: alteridade e comunidades interpretativas.** *Psicol. USP*, São Paulo v. 17, n. 2, 2006. p. 11-41.

SIMSON, Olga Rodrigues de Moraes von; PARK, Margareth Brandini; FERNANDES, Renata Sieiro (Org). **Educação não-formal: cenários de criação.** Campinas, SP: Editora da Unicamp- Centro de Memória, 2001.